

E o corpo passa a ser tecido: uma análise da construção do corpo feminino e das relações de gênero no *Jornal das Moças* e nos processos-crime de defloramento em Caicó/ RN (1900-1945)

Edivalma Cristina da Silva

Bacharela e Licenciada em História – UFRN

edivalma@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo visualizar a construção do corpo feminino tecido pelos discursos jurídicos e jornalísticos, analisando de que forma as representações do feminino estão entrelaçadas por poderes e saberes que constroem gêneros e papéis inteligíveis, corpos “ideais”. Apresentamos uma discussão dialógica sobre corpo, sexualidade e gênero e análise dos discursos de artigos do *Jornal das Moças* e processos-crime de defloramento, em Caicó/ RN, entre 1900 e 1945 para visualizarmos a construção sócio-histórica do corpo, a qual acaba transformando as diferenças em desigualdades de gênero.

Palavras-chave

Corpo, Feminino, Sexualidade

1922. Emerge mais um crime de defloração no município de Caicó, no Sítio Boa Vista. Umbelina, “moça recatada”, “tôla” e “honesta” como assim fazem crer as testemunhas, deixa-se seduzir e deflorar-se por Salustiano Carneiro que com seus galanteios, afagos e agrados consegue levá-la ao coito, cedendo a “pobre infeliz”.

Esta menina desde cedo foi ensinada por seus pais que seu corpo constituía-se em um altar sagrado em que repousa a flor da pureza, guardada em sua virgindade. Criada a imagem da Virgem Santíssima Maria, dentro de círculo rígido de condutas, comportamentos e honra, este corpo não devia transcender o espaço de sua casa, guardando-se para um bom casamento, ser boa mãe e dona de casa. No entanto, esta menina cresce e embora resguardada em seu lar aprende a conhecer os prazeres que a vida lhe oferece, despertando para os olhares masculinos e suas seduções.

Salustiano Carneiro freqüentava assiduamente a casa de Idelfonso, pai da menor Umbelina, enquanto um rapaz de confiança “porque era casado com uma sobrinha do mesmo”, não lhe dando nada a desconfiar. Salustiano é visto pelas testemunhas enquanto sedutor e metido a namorador, de forma que elas testemunhas são unânimes quanto à má conduta do réu, alegando que “o denunciado Salustiano conseguiu deflorar Umbelina por meio de palavras jocosas, pois ele é dado a empresas desta natureza, tendo segundo lhe consta, deflorado uma sobrinha della testemunha”². Esta confiança foi quebrada através da desonra que agora pairava sobre a casa de Idelfonso, através dos atos libidinosos e “pecaminosos” de sua filha. Com insistentes galanteios e seduções, embora a vítima tenha argumentado uma constante resistência física à prática do ato sexual, cedeu encharcada na *esperança rósea*, marcando entre eles a noite seguinte para terem relações sexuais. Como combinado Salustiano Carneiro, com a sede de seu instinto sexual, jogou bolões de barro no telhado do quarto de Umbelina, a qual reconhecendo a chegada do mesmo, cedeu e deixou-se deflorar aos arredores de sua casa.

Idelfonso sentiu sua honra ferida através dos atos de sua filha, por isso procurou a Justiça para limpá-la, alegando que só notou o defloração dela porque sua esposa “notará a suspensão das regras de sua filha”³, devido a gravidez. *As vozes polifônicas desenham o corpo de Umbelina enquanto “ser” bôbo, ingênuo, ignorante, uma criança*

¹ Processo-crime de sedução e defloração, nº 3777, maço 20, ano de 1932. fl 20

² *Op cit.* Fl.26

³ *Op cit.*, Fl 06

enganada, o que propiciou a sedução. Assim atesta uma testemunha que “acha que foi pela ingenuidade, ignorância, matutice que a ofendida cedeu a sua honra aos galanteios sedutores do denunciado”⁴. A própria promotoria da Justiça recalca sua defesa na emotividade “natural” do feminino, reforçando a imagem de mulher frágil.

Embora Idelfonso tenha procurado a Justiça para limpar a honra⁵ familiar e de sua filha, conseguindo a condenação do réu por sedução e defloramento, ela ainda continuou manchada, pois não foi possível nem casar a filha, nem prender o réu Salustiano, pois esse havia fugido para um lugar indeterminado, antes de terminar o processo, não chegando nem mesmo a defender-se.

O corpo de Umbelina deixa de pertencê-la quando publicizado pela Justiça passando a ser tecido pelos discursos jurídicos e médico-higienistas. Percebemos, então, a identidade feminina e a masculina pensada pela Justiça enquanto meios de reafirmação *natural* de um corpo sexuado calcado em papéis de gêneros inteligíveis e bem delimitados, com subjetividades binárias reguladas pelos efeitos “verdade” sobre o sexo e sobre a sexualidade e dos confrontos sociais e políticos⁶.

Este corpo passa a receber incidência profunda das *novas técnicas e práticas*⁷ corporais ditas “modernas” na busca da ordem, do pudor e da pureza feminina, emergente a partir da modernidade através dos discursos moralizantes e normatizantes. Pensamo-lo dentro de uma esfera mais abrangente: o corpo social. Dessa forma, retirar do corpo social as mazelas do atraso torna-se a ordem do dia! Moralizar o indivíduo pelo trabalho, pois este lhe portava de atributos morais, de forma que “o que se desejava não era a punição pura e simples do indivíduo, mas sim sua reforma moral”⁸. Emergem saberes – baseado nos ideais de Ordem e Progresso – com o objetivo claro de higienizar o espaço urbano, o corpo social e o corpo feminino.

⁴ *Op cit.* Fl.24

⁵ As entrevistas realizadas mostram que o casamento amenizava o teor simbólico e cultural da “perda” da honra, de forma que através dele a mulher voltaria a ter uma vida “normal” como antes do defloramento, podendo ir a bailes, circular normalmente pela sociedade com o esposo. Todavia, percebemos que embora haja o reconhecimento social do corpo defendido, pesa sobre ele o peso de sua mancha, estigmatizado pelo defloramento. Antonia nos falou que embora as mulheres desonradas casassem, os atos corporais continuariam a ser lembrados e relembrados, por terem sido tatuados no corpo social: o *corpo marcado*.

⁶ BESSA, Karla. O crime de sedução e as relações de gênero. In: BASSANEZI, Carla (org.). **Cadernos Pagu**: Sedução, tradição e transgressão. São Paulo: 1994. P. 175-196.

⁷ DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora Senac, 2000.

⁸ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. São Paulo: Editora unicamp, 2001. P. 71

Com a modernidade novas práticas corporais são instituídas através de tecnologias inovadoras que passam a incidir diretamente sobre o corpo social⁹. A modernidade enquanto conceito sócio-econômico designa mudanças sociais e tecnológicas, como demonstra Sevcenko (1998), as quais alcançaram grande desenvolvimento no fim do século XIX: industrialização e urbanização dos complexos citadinos, o rápido aumento demográfico, os meios de consumos e a implantação das diversas tecnologias que levaram ao desenvolvimento. Essas tecnologias começam a partir do final do século XIX a perpassar o cotidiano das pessoas residentes em Caicó, propiciadas pela divulgação do consumo de mercadorias (xaropes, bebidas, emulsões, vestimentas, sapatos) que representassem a modernização dos costumes em consonância com os ditames do progresso, através das idéias da “moda francesa” trazida pelas várias mercadorias que passaram a circular no espaço citadino caicoense.

As tecnologias da modernidade como os automóveis, os vestidos fumegantes, as luvas, os chapéus, os bailes, os cinemas, as praças se constituíram enquanto instigadores de práticas civilizadoras e progressistas que tendiam a instituir “verdades” sobre o corpo e o sexo, através de práticas reguladoras moralistas e normalistas. Percebemos então que casos como os de Umbelina se tornavam cada vez mais incidentes, instigando formas de se corrigir o corpo infligidor da ordem e reforçando através de seus atos, a moralidade, levando-nos a indagar que corpos femininos foram tecidos pelos juristas, médico-higienistas e jornalísticos, voltando o olhar para a constituição de um regime de saber/ poder que tece o corpo feminino calcado em uma suposta “natureza” inata para a maternidade, passividade, submissão e fragilidade, ligada a sua capacidade de reproduzir, desprovida de desejos e poço de uma emotividade “natural” ao ser feminino. Ao analisarmos o corpo atentamente percebemos de que forma as relações de poder produzem “verdades” e discursos “verdadeiros” sobre esse corpo, sobre o sexo e a sexualidade, imputando-lhe diferenças que acabam solapando-as em desigualdades entre os gêneros, através da produção de um corpo sexuado¹⁰.

⁹ PERROT, Michele. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda S de; SOIHET, Raquel (Orgs.) **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003. P. 13-28;

¹⁰ SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo, corpo e sexualidade. In: RIAL, Carmem Silvia Moraes; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. **Genealogias do Silêncio: Feminismo e Gênero**. Florianópolis: Ed mulheres, 2004. P. 183-193.

Percebemos que a liberalização do corpo feminino, trazida pelos “ares” modernos, eleva a necessidade de se criar o sexo normativamente aceitável e útil e a constante análise da conduta sexual do indivíduo como meio de interdição, intervenção e instauração de saberes sobre o sexo, de forma a controlar sua circulação sobre as esferas públicas e privadas. A normalidade do sexo será analisada na esfera pública, onde a Justiça Estatal intervêm em crimes que “mancham” a ordem e a honra da família e do Estado. Esse processo de “racionalização do sexo” a partir da normalização das condutas se faz sentir através dos discursos propalados pelo Jornal da Moças e nos processo-crime de defloração, perpassando os discursos polifônicos dos juristas, médicos, réus, testemunhas, vítimas, promotores públicos, juízes. A “ciência do sexo” circunscreve uma jurisprudência sexual que tem como objetivo cristalizar as representações do feminino e do masculino, através de uma matriz heterossexista, monogâmica e falocrática, construindo e naturalizando papéis sexuais ideais para homens e mulheres. Neste viés, os dispositivos da sexualidade, o poder e a produção de discursos “verdadeiros” sobre o sexo e sobre os corpos, deslocam-se das mãos da Igreja Católica para o âmbito da medicina, da psiquiatria, da pedagogia, da família e da Justiça, constituindo uma rede capilar de micropoderes que tem como alvo o corpo. Disciplinar este corpo, docilizá-lo, torná-lo útil, desde criança¹¹, através das “verdades” construídas para o sexo e para a sexualidade.

Todavia, essa “tecnologia do sexo” perpassa o cotidiano das pessoas através de redes capilares de micropoderes e saberes. O surgimento da sexualidade enquanto discurso está atrelado à construção da verdade sobre o sexo e a técnicas de poder. Segundo Foucault (1997) a sexualidade constitui-se enquanto um saber e dispositivo historicamente construído, o qual age através de estratégias periféricas na incitação do discurso, no reforço do controle do corpo e da intensificação dos prazeres, através de técnicas polimorfos de saber e poder. Este dispositivo instalado a partir das sociedades modernas liga-se a economia do sexo através de minuciosas articulações que tem o corpo como principal foco, sobre o qual inova, prolifera, reproduz, penetra sutilmente nos corpos através do detalhes acumulados, de forma a controlar a população e suas formas

¹¹ Sobre o conceito de disciplina, Ver: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1995.

de desejo e prazer. Segundo Foucault (1995: 118) “o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõe limitações, proibições ou obrigações”.

A partir do dispositivo da sexualidade, podemos pensar o corpo feminino enquanto produzido por discursos e pelo poder¹². De acordo com Swain (2004) o dispositivo da sexualidade, em Foucault, é a explicação da multiplicidade do poder para a reprodução dos sistemas binários e inteligíveis na construção de corpos sexuados. Os micropoderes investem, constroem e modelam o corpo, controlando-o, de forma que desenha seu perfil na identificação dos corpos e na proliferação das práticas sexuadas, sem, no entanto, renunciar ao eixo reprodutivo e a hegemonia binária da sexualidade¹³, de forma que Foucault (1997: 39) coloca que a explosão discursiva provocou um movimento centrífugo em direção a uma monogamia heterossexual enquanto regra silenciosa no campo dos prazeres e da sexualidade, funcionando cada vez mais enquanto uma norma rígida. Afirmamos que esta matriz heterossexual regula os gêneros como relações polarizadas e binárias em que as práticas de sexo e desejo acabam por diferenciar e polarizar os termos “masculino” e “feminino”.

Dessa forma, afirmamos que o corpo sexuado naturalizado é um efeito discursivo. O poder cria o corpo ao anunciá-lo enquanto sexuado, ao transformar os “dados” biológicos enquanto um fator natural onde se agrega significados e papéis inteligíveis - masculinos/ femininos - instituindo identidades polarizadas e binárias a partir da matriz heterossexual e inteligível do sexo. De acordo com Swain, o que o poder cria é a importância dada ao fator corporal, um sexo-significação, de forma que o sexo-discursos produz corpos atribuindo um sexo-significação de formas binárias em torno da reprodução, em torno do sexo originário, ou seja, o reprodutor.

Segundo Swain torna-se indissociável a significação corpórea da significação discursiva atribuídas ao humano, na produção do sexo em experiências do gênero através de matrizes de inteligibilidade. Dessa forma, pensamos através de Swain que a diferenciação dos sexos, são construções sócio-culturais da diferença biológica através das quais produzem determinadas sexualidades. No caso do feminino, estas construções culturais tendem a pensá-la enquanto seu sexo, pela sua esfera reprodutora, uma vez o corpo *mulher* constitui-se enquanto estratégia, objeto e alvo de técnicas e dispositivos,

¹² Pensamos a produção do corpo sexuado através das leituras dos discursos jurídicos e jornalísticos.

¹³ SWAIN, Tânia Navarro. *Op Cit.* P. 187

onde afirmamos que as representações de gênero se cristalizam na própria construção do corpo sexuado.

Trilhando a desconstrução do gênero, Butler (2003: 38) retoma Foucault para mostrar que essa “verdade” do sexo é produzida por práticas reguladoras que criam identidades a partir de uma matriz heterossexual compulsória, instituindo normas de gênero coerentes e estabelecendo oposições assimétricas entre o masculino e o feminino expressados nos atributos “macho” e “fêmea”, de forma que se constrói gêneros inteligíveis, ou seja, que mantêm relações de “coerência” e “continuidade” entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Normas de inteligibilidade sexualmente instituídas e mantidas, as quais asseguram a identidade de gênero.

Dessa forma, percebemos através da análise de artigos do *Jornal das Moças* e de processos-crime de defloramento, que a “verdade” do sexo é produzida por práticas reguladoras que produzem identidades coerentes a partir de normas de gênero coerentes, instituindo oposições assimétricas entre masculino e feminino e cartografando-os enquanto possibilidades de expressão do gênero. Uma vez que o corpo de Umbelina entra em cena passa a ser tecido pela ciência enquanto descontínuo e incoerente, enquanto o contra-ideal, em detrimento de seu defloramento, pois desestabiliza a coerência dos papéis de gênero e a construção discursiva do “sexo natural” tecido pela justiça, pois é justamente sobre a concepção do “natural” que a cultura passa a agir.

Nessa perspectiva é extremamente necessário ressaltar que pensamos o gênero *enquanto culturalmente e historicamente construído*, não sendo resultado causal do sexo, nem aparentemente fixo que nem o sexo¹⁴. Dessa forma, a própria unidade do sujeito passa a ser contestada se olharmos o gênero enquanto significados culturais que são constituídos pelo corpo sexuado através de discursos “verdadeiros” e práticas reguladoras que constroem os modelos binários femininos e masculinos para a sociedade, o que não reduz o gênero ao sexo.

¹⁴ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. P. 24

A própria produção do sexo e do corpo deve ser compreendida enquanto efeito do aparato que chamamos de gênero, o qual “esconde” os mecanismos de sua produção.

Acrescenta Butler que

quando o *status* construído do sexo é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a conseqüência de que *homem e masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino e *mulher e feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino (2003, p. 24-25)

Butler mostra que assim como o gênero é construído sócio-histórico e culturalmente, também o sexo o é, pois se o gênero decorre de significados culturais que são adquiridos pelo corpo sexuado então não se pode afirmar que ele decorra fixamente, independente da forma, de um sexo. Não devemos aceitar a concepção jurídica de gênero enquanto reduzido a uma inscrição cultural significado num sexo dado, uma vez que entendemos que os gêneros são significados culturais inscritos nos corpos sexuados, de forma que ele não decorre do sexo, nem sexo decorre na natureza. Assim Butler nos acrescenta que se o caráter imutável e unívoco do sexo pode ser problematizado e é contestável é porque o próprio construto “sexo” é tão sócio-historicamente construído quanto o gênero, um efeito do que se designa gênero¹⁵. A desconstrução do gênero possibilita a emergência dos sujeitos e suas subjetividades através de corpos performáticos, desligando-se do construto cultural corpo sexuado, o que pretendemos analisar no segundo capítulo deste trabalho dissertativo.

A uniformidade do termo “mulher” passou a ser questionado, pois não é um termo permanente, nem estável¹⁶ uma vez que este estabelece interseções com modalidades de classe, etnias, raças, sexuais entre outras, de forma que se tornou impossível pensar o gênero dentro de seu caráter relacional sem perceber os entrecruzamentos sociais, culturais e políticos que o constituem. Dessa forma, falar em gênero e em feminino é pensar em estruturas de relações e poder, que estabelecem discursos e implementam hierarquias na sociedade através de uma pluralidade de

¹⁵ BUTLER, Judith. *Op cit.* P. 26

¹⁶ Os estudos feministas a partir da década 1990 mostram a necessidade de desconstruir às formas de se pensar gênero a partir de uma esfera universal e universalizável, levando-nos a pensar em mulheres, femininos, homens, masculinos, sempre no plural, uma vez que trabalhamos com subjetividades, experiências e com o caráter relacional do gênero.

sujeições, sejam elas étnicas, sociais, raciais entre outras. De acordo com Segato (1998) afirmamos que o gênero não se torna observável nem mesmo em uma ordem empírica, se o pensarmos enquanto constituído como o registro em que os indivíduos se instalam ao adentrarem em redes de relações. Os papéis de gênero são resultantes de relações de poder, os quais são organizados pela estrutura através de símbolos, pelos quais o poder age minuciosamente.

Percebemos que a emergência discursiva de ideais corpóreos sexuados e naturalizados são efeitos de práticas reguladoras que “trabalham” silenciosamente, escondendo suas estratégias de criação e circulação. Estes discursos são marcados por regularidades discursivas que determinam “o que pode ser dito”, “quem pode dizê-los” e “quando se pode dizê-los”¹⁷, uma ordem dos discursos que estabelece normalidades e passa a existir através em um complexo de relações não somente negativas, mas positivas que incidem diretamente sobre o corpo e sobre as sua circulação. Logo, afirmamos que esses corpos naturalizados correspondem a corpos políticos, metricamente pensados, disciplinados, “talhados” para corresponder a um corpo útil e docilizado, de circulação perfeita dentro da ordem discursiva.

Neste viés, ideais corpóreos e identidades de gênero passam a ser difundido através das revistas femininas¹⁸ e pela própria Justiça a cada processo-crime julgado, sustentado em uma nova sensibilidade que entra em transformações no século XIX, refletindo relações perpassadas pelo amor romântico moderno. Esta mudança refletiu-se principalmente através da literatura, “a ficção romântica descreve uma atitude de amor mais próxima a um estado da alma do que da atração física”. (D’Incao, 1997: 233). O amor passa a ser apresentado como um estado da alma, difundido principalmente através da literatura romântica brasileira.

Duarte (1999) mostra que o sistema de significação que chamamos de cultura ocidental está perpassado por relações que se entrecruzam em fenômenos ligados à *sensualidade, sexualidade e sensibilidade*, categorias de pensamento que são incorporadas pelos indivíduos inconscientemente. De acordo com Duarte, concomitantemente ao dispositivo da sexualidade surge o dispositivo da sensibilidade, constituído por uma

¹⁷ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997;

¹⁸ BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal da felicidade conjugal (1945-1964). In: **Cadernos Pagu**: De trajetórias e sentimentos. São Paulo: Unicamp, 1993. P. 111-143

perfectabilidade moderna - a idéia de que o humano pode se aperfeiçoar constantemente - mas que só pode desenvolver-se através da *experiência* em relação ao mundo exterior que vai resultar no *fisicalismo*, ou seja, na corporalidade em si, implicando em algumas modificações na forma de se perceber e sentir o corpo, construindo “sentidos” que possibilitam ao indivíduo estabelecer relações mais amplas com o mundo exterior. Esta sensibilidade ocidental vai refletir-se nos romances e que se torna um veículo de incitação dos sentidos que perpassa até dias atuais implicando em mudanças no comportamento sexual, em novos estilos de vida sobrepostos ao tradicional, em desenvolvimento de tecnologias que produzem a longevidade e a qualidade do corpo, entre outros. Dessa forma, pensamos que este dispositivo da sensibilidade se faz sentir, a partir da modernidade, em toda uma excitação dos sentidos e de uma preocupação maior com o corpo: o teatro, o cinema, os dancings, a higiene, as especialidades médicas de saúde – odontologia, ginecologia, psiquiatria – todos esses instrumentos contribuíram para uma ampliação da sensibilização do corpo.

Dessa forma, afirmamos que este dispositivo de sensibilidade pode ser sentido através dos artigos e crônicas veiculados pelo *Jornal das Moças* retratando novas forma de visibilidade e sensibilização para o corpo feminino. Ao lado da sexualidade, os discursos jornalísticos passam a difundir novas sensibilidades, calcado no amor romântico e centrado na relação conjugal e familiar, como mostra D’Incao a partir das análise da sensibilidade burguesa. O *Jornal das Moças* passa modelos idealizados de feminilidade, onde a mulher é constantemente comparada a anjos, por sua candura, simplicidade e beleza, mas que deve amar, fazendo de tudo (ser submissa, perdoar) para manter a felicidade conjugal. Segundo o *Jornal das Moças*, “a moça deve ser como os anjos, que tendo olhos não vêem senão o que é bom, mas não deve ser como os anjos, que não sabe o que é amor”¹⁹. Um paradoxo! Ser e não ser como os anjos: ser boa como eles, e ao mesmo tempo não o ser pela necessidade de difundir e vivenciar o amor. Propaga-se o amor porque ele é indispensável para a perpetuação do ideal feminino burguês: ser esposa, mãe e dona de casa. Percebemos através do *Jornal das Moças* a idealização da mulher sendo tecida concomitantemente a idealização do casamento e da família como

¹⁹ (Sem autoria) **Jornal das Moças**. Nº 27, Anno I. Caicó: 29 de julho de 1926. Fl. 01. Esta citação, como as demais que precederão o texto seguem a transcrição gráfica original da fonte.

necessário para a construção de relações saudáveis entre conjugues e filhos, reproduzindo famílias “puras” aos olhos da Igreja e da Justiça. Assim, a construção de um ideal familiar se faz sentir pelas letras de Dora, escritora do *Jornal das Moças*, a qual insiste na sacralização da vida em família, do lar, da reprodução moral que a família carrega:

A vida em família é essa convivência doce e affectuosa que gozamos no lar místico, uma sacrossanta de nosso primeiro vagido, santuario augusto de nossa primeira carícia. A vida em família é muito diferente da vida em sociedade actual, onde encontra mais corrupção do que regeneração. Reconheço que precisamos da convivência em sociedade, mas esta muito longe de assemelhar a que recebemos no regaço amigo dos paes, que são na terra os nossos únicos e verdadeiros amigos.

Segundo a opinião de uma grande escritora, vida é uma série de combinações e é preciso estudar as, seguir as, para chegar a se encontrar em boa posição (...)

A vida em família difere muito da vida em sociedade e o nosso estudo deve se limitar em fazer nosso lar o santuario benedito da nossa maior dedicação. Só assim encontraremos a felicidade completa e poderemos recompensar o muito que recebemos de nossos paes²⁰. (Grifos meus)

A vida em família é retratada por Dora enquanto o caminho para a conquista de uma boa posição (na sociedade), contrapondo-a a degeneração da vida em sociedade. Implicitamente a Dora refere-se à vida em público, a transcendência do feminino da esfera doméstica, mostrando o lar enquanto lugar de segurança, de felicidade, a recompensa dada aos pais pelos seus ensinamentos. Na mesma linha de pensamento, Flor de Liz escreve sobre *O Lar e a Felicidade*, reforçando as idéias de Dora:

A felicidade está no lar. Todo o homem que consegue bem organizar o seu lar tem attingido a felicidade. Porque a felicidade existe. Quem nol-o afirma é o poeta.

A philosophia dos versos de Vicente de Castro é encantadora. Porem há philosophia de fundo mais pratico... Há, pelo menos, um ensinamento precioso para que o homem se torne feliz. É aquelle que nos diz: a felicidade consiste em estar cada um conformado com a sua sorte.

Questão pois de paciência.

Quando o homem elége sua companheira, e quando a eleita em perfeita communhão de sentimentos volta se toda para a belleza do seu lar, caminham ambos para a felicidade.

O lar é pois a grande realeza.²¹ (Grifos meus)

²⁰ DORA, C. *Jornal das Moças*. Nº 25, Anno I. Caicó, 27 de junho de 1926. Fl. 02.

²¹ LIZ, Flor de. *Jornal das Moças*. Nº 31, Anno I. Caicó: 22 de agosto de 1926. Fl. 02.

Para a Flor de Liz, o lar e a felicidade são sinônimos. O seu discurso sustenta que quando o homem escolhe bem sua companheira, seu lar tende a ser feliz, induzindo “por trás dos panos” que esta felicidade depende da mulher. Tanto o discurso de Dora como o de Liz reproduz o ideal de felicidade conjugal que Bassanezi (1993) identificou na análise de duas revistas femininas brasileiras a Cláudia e o Jornal das Moças, no período de 1945 a 1964²². Bassanezi percebeu que estas revistas buscavam manter as relações de gênero em seus moldes tradicionais veiculando valores morais conservadores e legitimando e naturalizando papéis sociais do feminino reduzido ao lar e do masculino ligado à esfera pública. Os discursos de Flor de Liz e Dora vão de encontro às conclusões de Bassanezi, ao afirmar que a beleza do lar depende da escolha de sua esposa, legitimando a disciplinarização do corpo feminino para os afazeres domésticos e para o lar, dedicando-se aos filhos e ao esposo, onde o ideal de feminilidade e masculinidade correlacionam-se às categorias do feminino enquanto “rainha do lar” e do masculino enquanto “chefe de família”, cabendo a mulher os afazeres, a economia doméstica, a responsabilidade pela felicidade do marido e filhos, a manutenção da reputação familiar enquanto honesta e fiel, dedicando-se para ser boa mãe e esposa, sendo submissa para o seu próprio bem e de seus filhos, formando e naturalizando o ideal de mulher burguesa. Em contraposição, a incidência sobre a liberdade dos homens deve ser enfatizada.

Esta incidência no lar e no doméstico é característica do pensamento burguês que constrói o corpo feminino a partir de uma pedagogização do corpo para a maternidade, ser dona de casa e esposa. Segundo Rago (2004:10), a educação burguesa perpassa pela pedagogização do corpo, contenção das emoções e normatização dos gestos, controle detalhado dos movimentos corporais, incidência na educação dos sentidos, o que demonstra uma profunda preocupação com o corpo através de condutas, regimes, receitas, leituras, dessecação deste corpo. O corpo torna-se exposto para a incidência médica sobre o mesmo, delimitando-o, percorrendo-o, cartografando-o, medicalizando-o. Logo, podemos considerar a contenção das emoções, o domínio dos gestos, o controle dos movimentos corporais que compõe a educação burguesa enquanto técnicas do corpo, legitimadas e naturalizadas.

²² Embora o recorte temporal trabalhado por Bassanezi corresponda a um período posterior ao nosso, as suas considerações são muito interessantes e ajudam a pensar a conservação dos valores tradicionais na construção do corpo feminino.

Segundo Mauss (2003)²³ as técnicas do corpo são formas pelas quais os homens sabem servir-se de seu corpo de maneira tradicional, as quais são mutáveis de sociedade em sociedade e entre grupos sociais e que são dotadas de especificidade. Essa especificidade é característica da técnica e valem para as mais diversas atitudes do corpo, já que cada sociedade possui hábitos peculiares a si: há técnicas de se comportar, de se portar, de andar, de conversar, de conter ou emitir gestos, de dormir, de lavar-se, de repousar; técnicas que se diferenciam quanto à idade, ao sexo, as fases humanas – criança, adolescente, adulta. Toda técnica corporal tem sua forma, a qual é adquirida socialmente através da educação perpassada principalmente pela oralidade.

A forma da mulher burguesa se portar, a contenção dos gestos e palavras consiste em técnicas adquiridas, incorporadas pelo indivíduo a partir da disciplinarização de seu corpo e não enquanto fatores naturais humanos, as quais perpassam todas as formas de agir. Os vários movimentos e expressões do corpo, enfim, todos os modos de agir não são um arranjo puramente psicológico e fruto de mecanismos individuais, mas estão arrematados por relações e por atos que se constituem em uma “idiosincrasia social” adquirida através da educação das variadas formas de utilização do corpo, ou seja, das técnicas corporais.

Afirmamos através de Mauss que as várias técnicas do corpo e a moral estão sempre em estreitas relações e vão sendo legitimadas através das práticas reguladoras, incorporadas e naturalizadas pelos indivíduos enquanto atos normais ou anormais. Os atos e técnicas são apresentados aos indivíduos enquanto naturais, todavia são construtos sociais e históricos, que perpassam o indivíduo através de relações de poder, inserindo-o em redes de adestramento através de uma educação dos detalhes que visam à construção e disciplinarização do corpo útil e dócil, como coloca Foucault (1995). Dessa forma, observamos que em todo o corpo social caicoense são difundidas várias técnicas corporais: formas de portar-se diante da sociedade, restrição das palavras, contenção dos gestos, inexpressividade feminina diante dos corpos masculinos, as quais podem ser notadas através das entrevistas que nos mostram as técnicas corporais através da descrição dos namoros e da participação feminina em bailes. Segundo Severina, 90 anos, “o namoro de antigamente era muito afastado, num era que nem o de hoje não. Pra dá

²³ MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. P. 401-422.

um beijo, há... era muito difícil. (...) Os beijo era só no rosto e na testa”. No mesmo viés, Maria Araújo, 80 anos, nos fala de sua experiência:

Papai ficava na sala até o rapaz sair, é de castelo, minha filha. Num tinha chance de nada, hoje em dia é um grude... Até transando tão. A irmã pequena num ficava não, só sendo irmã grande.

Papai, agente sentava lá e ele ficava perto, num ia nem perto, se fosse pa cá, leva um carão na cara. O noivo lá acolá e eu aqui, papai acolá, mais mamãe. Ninguém conversava, era tudo mudo. Tinha umas coisas véia, um radiozinho, eu num dizia nada, num tinha nada pá conversar. Papai era quem dava conta pa conversar.

As palavras, a circunscrição dos corpos no espaço, a forma de tocar e conversar com o namorado, de se portar diante dos pais e de seu companheiro, todas essas técnicas corporais constituem-se em atos e atitudes construídos sócio-historicamente e transmitidos através da educação atribuindo coerência à vida social através da disciplina, da justiça, das escolas, da igreja, toda uma rede de instituições busca construir os corpos inteligíveis, úteis e dóceis, o qual pode ser modelado, aperfeiçoado.

O corpo feminino *ideal burguês* calca-se na *tríade feminina*: mãe, esposa, dona de casa²⁴, inserido em relações de poder de uma cultura falocêntrica, através da matriz heterossexual. As representações do feminino e do masculino são pensadas dentro de um projeto normatizador que visava alterar os hábitos e atitudes. Dentro desta ótica de disciplinarização do corpo feminino foram delineados papéis e “identidades de gêneros” inteligíveis baseados em uma suposta unidade, e universalidade: a mulher burguesa deveria ser recatada, do lar, de boa conduta e honesta, e o homem deveria ser trabalhador, de bom caráter, sem vícios e honesto.

²⁴ Sobre a tríade feminina ver: MOTT, Maria Lúcia; MALUFF, Marina. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.) **História da vida privada no Brasil** (República: da Belle Époque a era do Rádio). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Este corpo recebeu diretamente os discursos médicos que naturalizaram a maternidade feminina em um “mandando biológico”, delineando-o a partir da matriz da heterossexualidade, a qual define o casamento e a pureza como ideais a serem alcançados. Dhoquois coloca que

naturalmente, tudo se encadeia: a esposa/ mãe cuida da casa e dos filhos, no plano material e moral, e do marido, que desse modo, pode levar à fábrica a sua força de trabalho intacta. A mulher passa a ser uma espécie de base sobre a qual se assenta a paz social (2003, p. 47).

Logo, podemos afirmar que a opressão feminina origina-se do fato de sua capacidade de reprodução (física e moral), onde a mulher passou a ser pensada a partir do biológico, reduzida ao lar e a relações de dominação.

Percebe-se que o corpo feminino está perpassado de silêncios, os quais carregam significações calcadas em uma heterossexualidade compulsória enquanto chave reguladora das identidades dos gêneros, onde “todas as particularidades dos corpos singulares devem ser amenizadas até o desaparecimento e à conformidade a um modelo impessoal”²⁵. Este silêncio que circunda o corpo feminino, como mostra Perrot (2003) perpassa a vida pública, íntima e sexual feminina, através das violências, das doenças das mulheres, sejam doenças do corpo ou do espírito, naturalizando papéis sociais e signos que tendem a serem pensados enquanto fatos de uma suposta “natureza” feminina em vez de resultados de práticas sociais. Como coloca Swain (2004: 190) “a heterossexualidade compulsória aparece, deste modo, como um mecanismo regulador de práticas e definidor de papéis restritos aos desenhos morfológicos e genitais”. O órgão reprodutor, visto enquanto veículo discursivo naturalizador do papel feminino, é obscurecido e cristalizado pela complementaridade dos órgãos genitais masculinos e femininos, de seus corpos sexuados transformando as diferenças anatômicas em desigualdades de gênero.

De acordo com Colling (2004), o corpo feminino vêm sendo pensado enquanto inferior e ligada a esfera reprodutora desde a antiguidade, onde o único sexo existente era o masculino. O corpo remonta-nos a filosofia grega onde o feminino era visto

²⁵ PERROT, Michele. Os silêncios do corpo da mulher. In: ____ .SOIHET, Raquel (org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003. P. 13-28

enquanto um homem imperfeito, reencarnado e feminizado (Platão) ou enquanto maléfico por possuir o útero “enquanto um animal que vive nela”, ressaltando o caráter “natural” do sexo masculino com características como: verossímil em força, controle insaciável, apetites furiosos, solapando as diferenças em desigualdades de gênero (Hipócrates), ou ainda vista enquanto um desvio natural, um corpo débil (Aristóteles). Colling acrescenta que a moral ocidental é fruto do encontro da filosofia grega e dos preceitos cristãos, onde a confluência e influência destes discursos acabaram por incrustar nas instituições polaridades e oposições que não são tão alheias aos conceitos modernos, se observarmos que a linguagem jurídica vê o corpo através do binário e de polaridades: quentes/ frios, secos/ úmidos, ativos/ passivos, pois estes discursos são relacionais e (re)elaborados de acordo com o contexto, com a época, com a cultura.

Para Héritier (1996) o ponto fulcral do pensamento tradicional ou científico recai sobre a diferença sexuada e o papel dos sexos na reprodução, constituindo conceitos de oposição entre idêntico e diferente que opõe valores abstratos como quente/ úmido, ativo/ passivo e alto/ baixo, representações que se imbrica em uma suposta natureza dos gêneros masculino e feminino. Estas representações se fazem sentir veemente nas representações filosóficas provenientes do pensamento aristotélico, mas também nos discursos médicos modernos do século XIX e nos discursos jurídicos acerca dos corpos, apresentando a mulher enquanto passiva e frágil e o homem enquanto dotado de um incontrolável instinto sexual e ativo, o que demonstra a permanência destas oposições categóricas. Salem (2004), observa através de um trabalho sobre as representações da sexualidade masculinas e femininas entre homens de classe popular, que estas categorias de oposição – assimétricas – legitimam o papel da submissão feminina a reprodução e ao marido, onde a mulher aparece no discurso popular enquanto cabeça fria, e controlada em oposição ao homem, sexo quente e descontrolável. Este descontrole masculino em oposição ao controle feminino derivam-se na esfera reprodutiva e sexual²⁶.

²⁶ Ver: SALEM, Tânia. “Homem... já viu, né?": representações sobre a sexualidade e gênero entre homens de classe popular. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.) **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. P. 15-61;

Este descontrole masculino pode ser sentido nas palavras de Manoel Geraldo, 58 anos, pai de criação da menor Adélia Cardoso, de 14 anos de idade, o qual a deflorou, nas suas alegações de defesa:

Com grande liberdade entre ele declarante e sua filha de criação, e *apoderado de uma força superior* entendeu de catequizar e propor para Adélia Cardoso o desejo de ter relações sexuais com ela op que não teve recusa de sua proposta. (...) Que após ter relações sexuais pela ultima vez com Adélia, que fazem isso uns sete meses mais ou menos, nunca mais teve nenhuma aproximação com a mesma nem sequer fora conversaram; *que de fato confessa seu erro, mais que foi levado por uma força superior* e que se achava bastante arrependido do crime que praticou²⁷.

Em contraposição, no caso de Umbelina é notória a construção social do corpo feminino enquanto um “ser” emotivo, ingênuo, bôbo, frágil, poço de uma emotividade natural, naturalizados enquanto signos construídos para um corpo frígido²⁸, construtos culturais da feminilidade, como analisou Simone de Beauvoir²⁹. Esse silêncio é proveniente das representações do corpo (religiosas, jurídicas, jornalísticas) inscrito na construção simbólica da diferenças entre os sexos que vão ser reforçados pela esfera jurídica e médica, as quais tece discursos dentro de relações de saber/ poder instituindo “verdades” sobre o “sexo” e sobre a “sexualidade”. Estas “verdades” estão em constante processo de multiplicação de saberes sobre o corpo.

O próprio prazer feminino, nos processos-crime de defloramento, é negado e reprovado, lançado ao silêncio, pensado enquanto “coisa” de prostitutas. O corpo feminino passa a ser disciplinado desde criança para o não-prazer, silenciando o sexo e a si mesma, negando-se o gozo, o prazer e os desejos sexuais. Estes silêncios a constroem enquanto frígida, anestesiada para o prazer, negando a si mesma e reafirmando o masculino, ao ser pensada enquanto o avesso do homem e seu sexo.

Ao corpo feminino sentir prazer torna-se pecaminoso e patológico³⁰. Em seu corpo os discursos “verdadeiros” sobre sexualidade e sexo lhe são injetados através de seringas de verdades e poderes tecidos em cada caso de defloramento. Dos dez processos-crime

²⁷ Processo-crime de defloramento, S/N. Ano de 1940. Fl 11.

²⁸ Essa visão de um corpo feminino vitimado, infantilizado, desprovido de razão e de cientificidade se faz sentir em todos os processos-crime analisados.

²⁹ Ver: BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

³⁰ ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro as Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989

analisados, em nenhum foi encontrado expressividade do prazer feminino, mas sim a constante presença de uma matriz heterossexual e um falocentrismo por traz dos discursos, regendo os corpos através das categorias de oposição, das quais fala Héri-tier: corpos que cedem aos instintos sexuais masculinos por que eles são mais fortes, providos de um desejo incontrolável do instinto sexual enquanto que o delas são mais frágeis, inocentes e incapazes de reagir aos instintos masculinos³¹. Uma construção social histórica que perpassa todas as vozes polifônicas dos processos-crime e das entrevistas. Logo, afirmamos que o corpo carrega significados invisíveis da cultura que opera nele diretamente e indiretamente. Todas as regras, preconceitos e convenções são, pois, construtos sociais naturalizados e sentidos através da linguagem do senso comum.

O feminino é pensado tanto pelos discursos jurídicos como pelos jornalísticos através de comparações com o sexo masculino, o que podemos observar através da poesia Parallelo, segundo Wanderley, o qual diz:

A aspiração do homem é a suprema gloria. A aspiração da mulher é a virtude extrema. A gloria faz o immortal, a virtude faz o divino. O homem tem a supremacia. A mulher tem a preferência. A supremacia significa a força, a preferência representa o direito. O homem é forte pela razão. A mulher é invencível pelas lagrimas. A razão convence, as lagrimas commove. O homem é capaz de todos os heroísmos. A mulher de todos os martyrios. O heroismo ennobrece, o martyrio sublima. O homem é um código. A mulher um evangelho. O código corrige, o Evangelho aperfeiçoa. O homem é o templo. A mulher é o sacrario. Ante o templo descobre se, ante o sacrario ajoelha se; O homem pensa. A mulher sonha, Pensar é ter no coração uma lava, sonhar é ter na fronte uma aureola. O homem é o oceano. A mulher é o lago. O oceano tem a perola que adorna., o lago tem a poesia que deslumbra. O homem é a aguia que vóa. A mulher é o rouxinol que canta

Voar é dominar o espaço, cantar pe consquistar a alma. O homem tem um pharol – a Consciência. A mulher tem uma estrella – a Esperança. A consciência guia], a esperança salva. Enfim: o homem está collocado onde termina a terra. A mulher onde começa o céu³².

Percebemos através destes discursos que o feminino é construído discursivamente enquanto o oposto do sexo masculino, solapando as diferenças em desigualdades de gênero. Segundo Wanderley, a aspiração do homem é a suprema glória, ele tem a supremacia que significa força, é racional e pensa, capaz de heroísmos que o enobrece, é a águia e o oceano, tem a consciência, é o código que corrige e localiza-se

³¹ Essas afirmações são baseadas na análise dos discursos dos réus para justificar suas ações diante do defloramento e pelos advogados de defesa.

³² WANDERLEY. **Jornal das Moças**. Nº 34, Anno I. Caicó: 19 de setembro de 1926. Fl. 02

onde termina a terra. A mulher, em contraposição, aspira à virtude extrema, tem a preferência que significa direito, é emotiva e convence pelas lágrimas, é capaz de todos os martírios que a sublima, ela sonha e tem a esperança, ela é o rouxinol, o lago e o evangelho que aperfeiçoa e localiza-se onde começa o céu. Imagens veiculadas que constroem um masculino enquanto forte, punitivo e racional e o feminino enquanto frágil, reprodutora de valores e irracional ou sonhadora.

As representações do feminino e do masculino que são veiculadas através dessa poesia estão ligadas a romantização dos papéis sociais e ao saber médico sobre o corpo, nos quais se desenha a mulher enquanto sexo oposto ao homem: O homem é pensado enquanto o sexo forte, que trabalha fora e tem liberdades e a mulher tecida a partir de comparações com o masculino, reduzindo-as a virtude, ao lar, ao doméstico e enquanto reprodutoras de valores e comportamentos morais. Estas, responsáveis pelo corpo feminino³³, tem suas imagens veiculadas enquanto a ponte para o progresso e a ordem no Brasil. A difusão do ideal feminino de mulheres honestas, dedicadas aos filhos e ao marido, representante da Pátria, “imagens modeladoras” são contrapostas aos contra ideais republicanos de mulheres desonestas: a prostituta³⁴, as infanticidas e as que se envolviam com os abortos³⁵.

³³ PEDRO, Joana Maria. As representações do corpo feminino nas práticas contraceptivas abortivas e no infanticídio – século XX. In: MATOS, Maria Izilda S de; SOIHET, Raquel (Orgs.) **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003;

³⁴ RAGO, Margareth Luzia. Imagens da prostituição da Belle Époque paulista. In: **Cadernos Pagu**: de trajetórias e sentimentos. São Paulo: Unicamp, 1993. p. 31-44;

³⁵ Pedro coloca que o corpo feminino era visto enquanto reprodutora de corpos perfeitos, legítimos. Corpos que deixam de representar apenas o lugar da procriação para representar o lugar de controle da população. PEDRO, Joana Maria. *Op Cit.*

Percebemos dessa forma, que a subordinação e o assujeitamento feminino estão perpassadas de significados preexistentes que são construídos historicamente a partir de relações de dominação, constantemente realimentados através do dispositivo da sexualidade que tem se ancorado na divisão binária dos sexos, criando corpos definidos para homem e mulher, ao mesmo tempo em que outras sexualidades múltiplas e periféricas emergem e reforçam enquanto modelo. Foucault reforça que

a noção de ‘sexo’ permite reagrupar, sendo uma unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações, prazeres e permitiu funcionar esta unidade fictícia como princípio causal, sentido onipresente, segredo a ser descoberto, em toda parte: o sexo assim pode funcionar como significante único e como significado universal.

O operador “sexo” define e delimita em corpos definidos biologicamente, onde a biologia transcende seu teor classificatório, mas funciona enquanto um operador simbólico/ funcional da identificação do indivíduo, de forma que o sexo torna-se a identidade do humano em práticas normativas de sexualidades heterossexuais. Estas representações femininas enquanto submissa, frágil, irracional propensa para a maternidade levam a construção da mulher em um sexo a partir dos discursos tecidos pela medicina, calcados na justificativa de higienizar e medicalizar o corpo feminino.

As representações que carregam o corpo feminino são construídas e incorporadas pelos sujeitos através de efeitos das práticas reguladoras que as instauram enquanto identidades inteligíveis de gênero. No entanto, através dessa reflexão percebemos que estas representações são sócio-historicamente construídas, legitimadas através discursos verdadeiros sobre sexo, sexualidade e “ser” mulher. Todavia, esses discursos podem ser desconstruídos trazendo à tona toda uma pluralidade corpórea, pois o corpo possibilita leituras e releituras onde se pode pensá-lo enquanto transcendente a essa esfera do singular e do universal que os discursos jurídicos e jornalísticos o tecem, mas constituindo-se em uma multiplicidade que se (re)significa a partir das múltiplas subjetividades: corpos e femininos. Mas isso se constituirá em uma discussão posterior...

Referências

- ANDRADE, Juciene Batista Félix. **Caicó: uma cidade entre a recusa e sedução**. Dissertação (Mestrado em História) Natal: UFRN, 2007. 151 f;
- BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal da felicidade conjugal (1945-1964). In: PISCITELLI, Adriana (Org.). **Cadernos Pagu**: De trajetórias e sentimentos. São Paulo: Unicamp, 1993. P. 111-143;
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980;
- BESSA, Karla. O crime de sedução e as relações de gênero. In: BASSANEZI, Carla (org.). **Cadernos Pagu**: Sedução, tradição e transgressão. São Paulo: 1994. p. 175-196;
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003;
- CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**: o rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das letras, 1987;
- CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940) São Paulo: Editora Unicamp, 2000;
- CAVALCANTI, Silêde. **Mulheres Modernas, Mulheres Tuteladas**: o discurso jurídico e a moralização dos costumes – Campina Grande (1930/1950). Dissertação (Mestrado em História). Recife: UFPE, 2000. 210 f;
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. São Paulo: Editora unicamp, 2001;
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal: 1989;
- D'IANCO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: contexto: 1997. P. 221-240;
- DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1986;
- DUARTE, Luiz Cláudio. Representações da virgindade. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena (Orgs.). **Cadernos Pagu**: Corporificando gênero. Nº 14. São Paulo: Unicamp, 2000. P. 149-179;
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. “O Império dos Sentidos”: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, Maria Lúza (Org.). **Sexualidade**: O olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. P. 21-29;

ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas**: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro as Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989;

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997;

_____. **História da Sexualidade I**: Vontade de Saber. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997;

_____. **História da Sexualidade III**: O cuidado de Si. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002;

_____. **Microfísica do poder**. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1995;

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena (Orgs.). **Cadernos Pagu**: Corporificando gênero. Nº 14. São Paulo: Unicamp, 2000. P. 45-86

HEILBORN, Maria Luíza (Org). Sexualidade: Perspectiva de análise em Antropologia. In: **Sexualidade**: O olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. P. 21-73;

HÉRITIER, Françoise. **Masculino, Feminino**: o pensamento da diferença. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

MATOS, Maria Izilda Santos de: Do público ao privado: redefinindo espaços femininos e atividades femininas (1890-1930). In: ALGRANTI, Leila Mezan. (Org.) **Cadernos Pagu**: Fazendo história das mulheres. Nº 04. São Paulo: Unicamp, 1995. P. 97-115;

MATOS, Maria Izilda S de; SOIHET, Raquel (Orgs.) **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. P. 401-422;

MORAIS, Ione Rodriguez Diniz. **Desvendando a cidade**: Caicó em sua dinâmica espacial. Natal: Editora do Senado, 1999;

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Seridó Norte-Rio-Grandense**: uma geografia da resistência. Caicó/ RN: Ed. Do autor, 2005;

MOTT, Maria Lúcia; MALUFF, Marina. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.) **História da vida privada no Brasil** (República: da Belle Époque a era do Rádio). São Paulo: Companhia das Letras, 2001;

NETO, Manoel Pereira da Rocha. **Jornal das Moças (1926-1932)**: Educadoras em manchete. Dissertação. (Mestrado em Educação). Natal: 2002. 153 f;

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Façamos a família à nossa imagem**: A construção de conceitos de família no Recife Moderno (décadas de 20 e 30). Tese (Doutorado em História) Recife: UFPE, 2002. 392 f;

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. “Corpos seduzidos, corpos deflorados: a honra e os seus significados nos processos-crime do espaço Seridó (Caicó, 1900-1930) In: **MNEME – Revista de Humanidades**. V. 07 N. 17. Caicó: UFRN/CERES, 2005. Disponível em: <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/ed17/169.pdf>. Acesso em 07/06/2007;

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Há Va(r)gas na escola: O discurso higienista e a limpeza da infância escolar nos anos 20 e 30. In: DANTAS, Eugênia; OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Cidade e região**: múltiplas histórias. João Pessoa: Idéia, 2005.

PEDRO, Joana Maria. A publicidade da intimidade: punição e controle. In: **Masculino, feminino e plural**: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. P. 273-292;

RAGO, Margareth Luzia. Imagens da prostituição da Belle Époque paulista. In: PISCITELLI, Adriana. (Org.) **Cadernos Pagu**: De trajetórias e sentimentos. N° 01. São Paulo: Unicamp, 1993. P. 31-44;

SALEM, Tânia. “Homem... já viu, né?”: representações sobre a sexualidade e gênero entre homens de classe popular. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.) **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 15-61;

SANT’ANNA, Denize Bernuzzi de. As infinitas descobertas do corpo. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena (Orgs.). **Cadernos Pagu**: Corporificando gênero. N° 14. São Paulo: Unicamp, 2000. p. 235-249;

SANTOS, Maria Emilia Vasconcelos dos. **“Moças Honestas” ou “Meninas Perdidas”**: Um estudo sobre a honra e o uso da justiça pelas mulheres pobres em Pernambuco Imperial (1860-1888). Dissertação (Mestrado em História). UFPE: 2007. 162 f;

SEGATO, Rita Laura. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. **Série Antropologia**: UNB, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio Republicano: Astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: _____. (org.) **História da vida privada no Brasil** (República: da Belle Époque a era do Rádio). São Paulo: Companhia das Letras, 2001;

SILVA, Edivalma Cristina da. De Espinhos a Rosas: A mulher sedutora enquanto produto da modernidade (1900-1945). **Anais América Equatorial: Cultura na Contemporaneidade.**

Reunião Equatorial de Antropologia. Aracaju: UFS, 2007;

STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa (Orgs.) **Corpos e Subjetividades:** Em exercício interdisciplinar. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004;

SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo, corpo e sexualidade. In: RIAL, Carmem Sílvia Moraes;

TONELI, Maria Juracy Filgueiras. **Genealogias do Silêncio:** Feminismo e Gênero.

Florianópolis: Ed mulheres, 2004. P. 183-193;